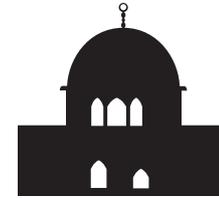




Robert Byron

a  
estrada  
para  
oxiana



TRADUÇÃO DE  
RAQUEL MOUTA

PREFÁCIO DE  
ALEXANDRA LUCAS COELHO

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M M X I V

## ÍNDICE

### *Prefácio* 9

#### *Parte 1*

---

VENEZA 15    ITALIA 17

#### CHIPRE

CIRÉНИЯ 19    NICÓSIA 23    FAMAGUSTA 24  
LARNACA 27    MARTHA WASHINGTON 27

#### PALESTINA

JERUSALÉM 28

#### SÍRIA

DAMASCO 42    BEIRUTE 45    DAMASCO 47

#### IRAQUE

BAGDADE 54

#### *Parte 2*

---

#### PÉRSIA

KERMANSHAH 61    TEERÃO 63    GULHEK 67  
TEERÃO 69    ZINJAN 71    TABRIZ 75

© 2014, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *The Road to Oxiana*  
Publicado originalmente em 1937.

Título: *A Estrada para Oxiana*  
Autor: Robert Byron  
Prefácio: Alexandra Lucas Coelho  
Coordenador da coleção: Carlos Vaz Marques  
Tradução: Raquel Mouta  
Revisão e composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Outubro de 2014

ISBN 978-989-671-233-4  
Depósito Legal n.º 381012/14

MARAGHA 79 TASR KAND 80 SAOMA 83  
KALA JULK 85 AQ BULAGH 86 ZINJAN 88

### *Parte 3*

TEERÃO 93 AYN VARZAN 104 SHAHRUD 104  
NIXAPUR 106 MASHHAD 108

### AFEGANISTÃO

HERAT 115 KAROKH 151 KALA NAO 154  
LAMAM 160 KAROKH 162 HERAT 162

### PÉRSIA

MASHHAD 166 TEERÃO 173

### *Parte 4*

TEERÃO 177 QOM 188 DELIJAN 188  
ISPAÃO 190 ABADEH 193 XIRAZ 194  
KAVAR 200 FIRUZABAD 204 IBRAHIMABAD 211  
XIRAZ 222 KAZERUN 223 PERSÉPOLIS 226  
ABADEH 240 ISPAÃO 241 YEZD 253  
BAHRAMABAD 257 KERMAM 257 MAHUN 259  
YEZD 261 ISPAÃO 262 TEERÃO 263  
SOLTANIYEH 272 TEERÃO 273

### *Parte 5*

SHAHI 279 ASTERABAD 281 GONBAD-E QABUS 284  
BANDAR SHAH 290 SEMNAN 291 DAMGHAN 292  
ABBASABAD 293 MASHHAD 294 KARIZ 306

### AFEGANISTÃO

HERAT 310 MOQOR 321 BALA MURGHAB 331  
MEYMANEH 335 ANDKHOY 347 MAZAR-I-SHARIF 349  
KUNDUZ 375 KHANABAD 380 BAMIAN 385  
SHIBAR 391 CHARIKAR 396 CABUL 398  
GHAZNI 400 CABUL 405

### ÍNDIA

PESHAWAR 409 O COMBOIO DA FRONTEIRA 412  
MALOJA 413

### INGLATERRA

SAVERNAKE 414

*Índice Onomástico 415*

*Nota Biográfica 423*

## PREFÁCIO

*por Alexandra Lucas Coelho*

Dizer que *A Estrada para Oxiana*, do inglês Robert Byron, é o mais lendário livro de viagens do século xx será uma afirmação prudente, comparada com o que já se escreveu sobre ele. O também inglês Bruce Chatwin dizia que era «um livro sagrado, além de toda a crítica» e viajou com ele como um talismã. Historiador, americano e prefaciador do livro, Paul Fussell comparou-o às obras de Joyce e Eliot: «*A Estrada para Oxiana* está para a literatura de viagens como *Ulisses* para o romance do entre-guerras e *Terra Devastada* para a poesia.» Fechando com o meu sucessor favorito de Byron, o historiador escocês William Dalrymple (que trocou Cambridge por grandes livros de viagens entre a Grécia e a Índia) declara-se um «devoto abjecto» de *Oxiana*, daqueles incapazes de escrever com isenção, porque o livro teve nele «um efeito eléctrico» que o fez mudar de vida.

De onde vem este magnetismo? Como é que um livro de viagens publicado em 1937 vai ganhando poder sobre leitores cada vez mais distantes no tempo? Sendo um grande livro para além do género, ou seja, criando o seu próprio género. A ambição de Robert Byron em *A Estrada para Oxiana* é a de um livro total, tão erudito quanto divertido, tão vivo quanto inventivo, por vezes ensaio, por vezes comédia, por vezes cinema, por vezes delírio, e todo o tempo como se não fizesse esforço. Se não há muitos livros assim, e não há outro igual, é porque o mundo não gera muitos pensadores que também sejam humoristas

que também sejam viajantes, e ponham fogo em tudo. Os testemunhos de quem conheceu Byron parecem coincidir nisto, era um incendiário com horror ao consenso, e ao bom senso dito inglês. O irónico tende a relativizar em si o apaixonado e vice-versa, mas esses limites não eram para Byron. Ele foi irónico e apaixonado com uma auto-erudição visionária. Queria realmente saber, acreditava que só experimentando saberia, e ao longo do caminho nunca deixou de se divertir.

Robert Byron nasceu em 1905, numa família inglesa de pergaminhos que remontam a Lord Byron, mansão vitoriana, floresta milenar. A fortuna levou um rombo na Depressão de 1929, mas até lá Robert viveu com todos os requintes, educado em Eton e Oxford, viajante desde cedo. É a geração *Brideshead*, *snoobs* de talento, com um apetite transgressor por lugares remotos. Evelyn Waugh (o autor de *Brideshead Revisited*) era visita lá de casa, e um dos nomes que fizeram desse arco entre-guerras um auge da literatura de viagens. Waugh ia à Guiana e ao Congo; Peter Fleming à Amazónia e ao Uzbequistão; Graham Greene à Libéria e ao México; e Byron fez da Grécia um divisor de águas: entre a clareza atlética das estátuas e o mistério dos frescos bizantinos, escolheu o Oriente, e até hoje é visto como um pioneiro na revalorização da arte bizantina.

A Itália, aos 18 anos, fora a antecâmara disso, o momento em que percebeu que a viagem seria um modo de vida. «Eu podia ter sido um dentista ou um homem público, não fosse esse primeiro vislumbre de um mundo maior.» Aos 20, andava a fotografar os inacessíveis mosteiros do Monte Atos com o historiador de arte David Talbot Rice, e fez um livro sobre isso, *The Station*. Depois, cada vez mais para oriente: Índia, Tibete, URSS. Odiou todas as coisas britânicas na Índia, zurzindo os ingleses por não

terem entendido onde estavam. Em *An Essay on India* defende a viagem como a mais decisiva forma de educação humanista. O viajante é um investigador sensorial, tem de ver, ouvir, cheirar, tocar. E, se escrever, conseguir que o leitor sinta tudo isso.

As viagens reconstruídas em *A Estrada para Oxiana* foram feitas entre 1933 e 1934, quando Robert Byron partiu em busca da Gonbad-e Qabus, uma torre funerária do século XI, no nordeste da Pérsia. Furando o céu como uma seta, a fálca Gonbad anuncia já o mundo em torno do rio Amudária, onde hoje confluem Afeganistão, Turquemenistão, Uzbequistão e Tajiquistão. A essa confluência é que os antigos chamavam Oxiana, porque o antigo nome do rio Amudária era Oxus. A estrada para Oxiana é assim a estrada oriental que começa em Veneza, passa pela Palestina, pela Síria, pelo Iraque, e se demora entre Pérsia e Afeganistão.

Foi o que Robert Byron fez ao longo de onze meses com o seu amigo Christopher Sykes. Filho de Sir Mark Sykes, um dos autores do tratado que dividiu o Império Otomano, Christopher deixou um retrato de Robert em *Four Studies in Loyalty*. Foi Sykes quem confirmou que os diálogos de *A Estrada para Oxiana* que não tinham acontecido em inglês nunca tinham acontecido. Ou seja, Byron inventou as conversas que se passavam em línguas desconhecidas para ele. Brillante como era, as línguas não eram o seu forte.

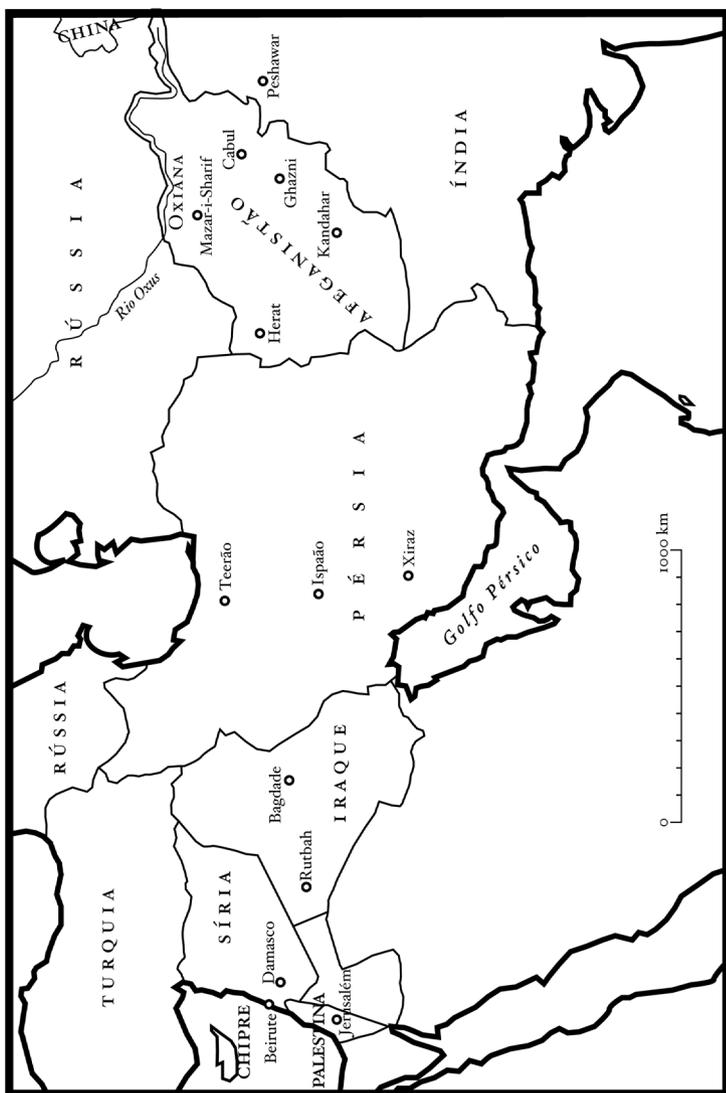
Mas esse é só um dos encantos de *Oxiana*, diálogos que são obras-primas de comédia, como aquele no Afeganistão em que dois homens se aproximam de Robert e Christopher e perguntam onde fica a *kibitika* deles, ou seja, a casa deles. Como todas as terras da região acabam em ão, os ingleses diziam sempre que vinham do Inglistão. O diálogo acaba assim:

- A tua kibitka... deves ter uma kibitka. Onde fica?
- No Inqlistão.
- Onde é isso?
- No Hindustão.
- Isso é na Rússia?
- Sim.

Uma das coisas essenciais que aprendi com Robert Byron foi como podia, e devia, rir no Afeganistão, porque se conseguirmos rir estamos vivos. Só o riso, por vezes, permite ir ao escuro e voltar. É uma forma de autodomínio, no lugar como no texto. De resto, Byron foi um dos meus camaradas de viagem em 2008, foi com ele que vi o esplendor da arquitectura timúrida em Herat, percorri os passos dele em torno dos minaretes e dos vestígios da rainha Gowarshad, e nisso fui apenas mais uma de tantos viajantes hipnotizados por ele. Até hoje acho que aqueles dois espões de comédia que achei lá, acabados de chegar do Inqlistão mas disfarçados de afegãos, andavam era atrás dele.

Após três anos de escrita, *A Estrada para Oxiana* foi publicado em 1937. Nesse mesmo ano morreu aquele que terá sido a grande paixão de Robert Byron, um aristocrata inglês. Antinazi furibundo, Byron lançou-se à guerra e, em 1941, ia a caminho do Egipto ser espão dos Aliados quando o barco afundou com um torpedo. Daí a dois dias, completaria 36 anos. Pela primeira vez traduzido em Portugal em 2014, este livro é também o lugar onde se manterá vivo o que a guerra destrói enquanto lemos, na Palestina, no Iraque, na Síria, no Irão, no Afeganistão. Esse lugar existe porque um homem queria muito saber e foi lá.

## *Parte I*



VENEZA, 20 DE AGOSTO DE 1933

Aqui estou eu refastelado: uma agradável mudança depois daquela pensão na Giudecca há dois anos. Fomos ao Lido hoje de manhã, e o Palácio dos Doges pareceu-me mais belo visto de uma lancha do que de todas as vezes que o vi de uma gôndola. Os banhos, em dia de calmaria, devem ser os piores da Europa: a água parece saliva quente, com beatas a flutuarem-nos para dentro da boca e cardumes de alforrecas.

Lifar veio jantar connosco. Bertie disse que todas as baleias têm sífilis.

VENEZA, 21 DE AGOSTO

Depois de inspeccionar dois palácios, o Labiena, onde se encontra o fresco de Tiepolo com o banquete de Cleópatra, e o Pappadopoli, um labirinto abafadiço de pelúcia e fotografias de realeza, refugiámo-nos da cultura no Harry's Bar. À chegada, um falatório ensurdecidor, saudações disparadas em rápida sucessão: os ingleses chegaram.

À noite, voltámos ao Harry's Bar, onde o nosso anfitrião nos regalou com uma bebida de champanhe e licor de ginja. — Para

produzir o efeito desejado — confidenciou-nos o Harry —, tem de ser feita com aguardente de ginja da pior qualidade. — E assim era.

Antes disto, o meu relacionamento com o nosso anfitrião limitava-se ao campo de caça. Quase não o reconheci de colete verde e jaqueta branca.

## VENEZA, 22 DE AGOSTO

De gôndola até San Rocco, onde a *Crucificação* de Tintoretto me deixou sem palavras; tinha-me esquecido dela. O antigo livro de visitas com a assinatura de Lenine já lá não estava. No Lido, corria uma brisa. O mar estava agitado, frio e sem detritos.

Fomos de carro tomar chá a Malcontenta, pela nova estrada que atravessa as lagunas ao lado da via-férrea. Há nove anos, Landsberg veio encontrar Malcontenta, por muito enaltecida que fosse em todos os livros sobre Palladio, em estado de ruína iminente, sem portas nem janelas, um celeiro de produtos agrícolas indeterminados. Landsberg fez dela um edifício habitável. As proporções do grandioso vestíbulo e dos salões de recepção são um hino à matemática. Outra pessoa teria enchido aquelas divisões com os chamados móveis italianos, com inutilidades de antiquário, com dourados. Landsberg mandou fazer mobília de madeira simples na aldeia vizinha. Nada é «de época», a não ser as velas, que se tornam necessárias na ausência de electricidade.

Quanto ao exterior, as laterais são causa de controvérsia e há quem finja deplorar as traseiras. A fachada dispensa opiniões. É um precedente, um critério. Podemos analisá-la: nada conseguiria ser mais lúcido; mas não é possível questioná-la. Estava

com Diane no relvado logo abaixo do pórtico, quando a luminosidade do crepúsculo definiu por um instante com mais clareza todas as fases do desenho do edifício. A Europa não poderia ter-se despedido de mim com mais ternura do que nesta afirmação triunfal do intelecto europeu. — É um erro deixar a civilização — disse Diane, sabendo que provava essa opinião com o facto de existir. Senti-me mergulhar na melancolia.

Lá dentro, tinham acendido as velas e Lifar dançava. Voltámos debaixo de chuva torrencial e deitámo-nos com o despertador ao lado.

## A BORDO DO ITALIA, 26 DE AGOSTO

Às cinco da manhã, aguardava-me um gondoleiro corpulento de bigode ao serviço do palácio. As cidades são todas iguais ao amanhecer. Tal como Oxford Street consegue ser bela quando vazia, também Veneza me pareceu então menos insaciavelmente pitoresca. Dêem-me Veneza como a viu Ruskin pela primeira vez — sem via-férrea; ou então, dêem-me uma lancha e os ricos internacionais. O museu humano é horrível, como naquelas ilhas ao largo da Holanda, em que os habitantes continuam a usar o traje nacional.

Em Trieste, a partida do barco foi acompanhada por cenas representadas pela primeira vez no Antigo Testamento. Refugiados judeus da Alemanha abalavam para a Palestina. Num lado, estava um venerável rabi milagreiro, que com cachos de cabelo ortodoxos e chapéu redondo de pêlo de castor estabelecia a moda para os seus discípulos até à terna idade de oito anos. Noutra, um grupo vistoso de rapazes e raparigas com

roupa de praia, que controlavam as suas emoções cantando. Juntara-se ali uma multidão para se despedir deles. Quando o barco começou a soltar amarras, as preocupações de cada um dos passageiros, a mala perdida, o recanto indevidamente apropriado, foram esquecidas. O rabi e os patriarcas seus acompanhantes desataram a acenar de forma mole e descontrolada; os rapazes e as raparigas começaram a entoar um hino solene, em que a palavra «Jerusalém» era repetida com uma nota triunfal. A multidão juntou-se ao cântico, seguindo até ao fim do cais, onde se deixou ficar até o barco estar na linha do horizonte. Nesse momento, Ralph Stockley, ajudante-de-campo do alto-comissário para a Palestina, chegou ao cais e percebeu que tinha perdido o barco. A sua agitação e a subsequente perseguição numa lancha aliviaram a tensão que havia no ar.

Um vento de norte espalhou salpicos brancos pelo mar cor de safira e conseguiu silenciar a exuberância dos judeus que seguiam em baixo. Ontem, passámos pelas Ilhas Jónicas. Aquelas margens familiares pareciam áridas e despovoadas, mas havia uma beleza invencível naquele ar rosado. No extremo sudoeste da Grécia virámos para oriente, passámos pela baía de Kalamata e chegámos ao Cabo de Matapão, que vi pela última vez do Monte Taigeto, delineado pelo mar distante, como num mapa. As faces rochosas ganharam um tom de ouro avermelhado, as sombras de um azul diáfano. O sol mergulhou no mar, a Grécia tornou-se uma silhueta irregular, e começou a piscar o farol mais meridional da Europa. Ao dobrar da esquina, na baía seguinte, cintilava a electricidade de Gytheio.

\*

Stockley contou uma história do chefe, que foi ferido nas pernas durante a Guerra dos Bóeres e teve de esperar trinta e seis horas até chegar ajuda. Havia mais feridos na mesma situação, pois os disparos dos bóeres tinham sido baixos. Alguns morreram, e os abutres iam fazendo a sua colheita. Desde que os feridos se mexessem, por pouco que fosse, os pássaros mantinham a distância. Quando já não se conseguiam mexer, os olhos eram-lhes arrancados à bicada mesmo que ainda estivessem vivos. O chefe descreveu-lhe o que sentiu, pensando que seria aquele o seu destino, com os abutres a pairarem alguns metros acima dele.

Hoje de manhã, os picos duplos de Santorini recortados sobre uma aurora encarnada. Rodes à vista. Chegamos ao Chipre ao meio-dia de amanhã. Terei lá uma semana à minha disposição, antes de os «Carvoeiros» chegarem a Beirute, a 6 de Setembro.

## CHIPRE

CIRÉNTIA, 29 DE AGOSTO

A história, nesta ilha, atinge uma profusão que é quase excessiva. Dá-nos uma espécie de indigestão mental. Em Nicósia, a residência do governador, destruída pelos motins de 1931, foi substituída por uma nova. No exterior encontra-se um canhão que foi oferecido por Henrique VIII de Inglaterra à Ordem de São João de Jerusalém\* em 1527. Tem o brasão da família Tudor. Mas a moeda, cunhada para comemorar o jubileu do domínio

\* Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, Rodes e Malta. (N. da t.)

britânico em 1928, tem o brasão de Ricardo, Coração de Leão, que conquistou a ilha e ali casou em 1191. Desembarquei em Larnaca. A alguns quilómetros dali, em 45 d.C., desembarcaram Paulo e Barnabé. Lázaro está enterrado em Larnaca. Assim como dois sobrinhos do Bispo Thomas Ken, Ion e William, que faleceram em 1693 e 1707, respectivamente. A cronologia começa com um aviso egípcio de 1450 a.C. A fama chegou no final do século XI, com o domínio e a cultura dos Lusignans: ao rei Pedro I de Chipre, autores tão variados como Boccaccio ou São Tomás de Aquino dedicaram livros. Em 1489, a rainha Catarina Cornaro entregou a ilha aos venezianos, e oitenta anos mais tarde o último comandante veneziano foi esfolado vivo pelos turcos. Seguiram-se três séculos de esquecimento, que terminaram com o Tratado de Berlim, o qual cedeu a ilha aos ingleses. Em 1914, anexámo-la.

A afinidade da paisagem é com a Ásia e não tanto com as outras ilhas gregas. A terra foi de tal forma descolorada que agora é branca. Só uma mancha verde de videiras ou um rebanho de cabras pretas e acastanhadas lhe alivia a árida solidão. Ao longo da imaculada estrada de alcatrão que me levou de Larnaca a Nicósia, havia árvores plantadas, casuarinas e ciprestes. Mas o vento derrotou-as, com as rajadas quentes e violentas que todas as tardes sobem do mar e fazem girar as inúmeras rodas-d'água. Estes descarnados esqueletos de ferro erguem-se nos pomares dos arredores das cidades; a chiadeira coral por eles produzida é a principal canção da ilha. Ao longe, há sempre montanhas. E sobre toda a cena paira uma luz peculiar, um lustro lilás de aço, que acentua contornos e perspectivas, e faz com que cada cabra errante, cada alfarrobeira isolada, se destaquem da terra branca como se vistas por um estereoscópio.

O panorama é belo em abstracto, mas violento e desagradável para habitação humana. Até mesmo de flores há uma ausência, nesta época do ano, à excepção de pequenas abróteas, de cor cinzenta, com uma inclinação de cabeça que é fantasmagórica. Os gregos chamam-lhe «flor-vela». A face norte das montanhas, entre Nicósia e a costa, é mais hospitaleira. Lá, a terra é vermelha, como se fosse mais rica, e os campos em soccos estão salpicados de alfarrobeiras. A colheita da alfarroba ia de vento em popa quando por lá passei: os homens deitavam as vagens ao chão batendo-lhes com longas varas; as mulheres carregavam-nas para dentro de sacos, que depois punham às costas de burros. A alfarrobeira é exportada para fazer comida para gado. Tem ar de banana ressequida e um sabor que, na minha opinião, faz lembrar um capacho de glicose.

Em Nicósia, visitei o arcebispo com a ideia de lhe pedir uma carta de apresentação para o clero de Kiti. Os assistentes foram pouco agradáveis; a Igreja lidera a oposição aos ingleses, e dificilmente se poderia saber que já defendi a sua causa na imprensa de Inglaterra. Mas o arcebispo, apesar da velhice e da surdez, pareceu agradado com a visita e mandou um secretário dactilografar a carta. Depois de pronta, trouxeram-lhe uma caneta já mergulhada em tinta vermelha, e foi com ela que o arcebispo, em virtude de um privilégio concedido pelo Imperador Zenão no século V, assinou a carta da seguinte forma: «Cirilo de Chipre». Entretanto, os governadores seculares da ilha usurparam este privilégio. Os governadores turcos faziam-no para arreliar, os ingleses por um desejo de serem pitorescos.

Hoje de manhã, fui a Bellapais para ver a abadia. O meu motorista aproveitou para visitar a noiva, que vive na aldeia vizinha.

Xerxes: 237  
 Xiraz: 94-95, 132, 177, 188, 192, 194, 196-199, 216, 222-223, 225-226, 234, 254, 265, 318  
 Yadgar Mohammad: 321  
 Yar Mohammad (Khan de Herat): 141  
 Yate, A. C.: 127  
 Yate, C. E.: 127, 130, 134, 364  
 Yezd, Vakht-i-sa'at: 255  
 Yezd: 253-258, 261-262

Yezd, Darwaza Mehriz: 255  
*Mausoléu dos Doze Imãs*: 255  
*Mesquita da Sexta-Feira*: 142-143, 145-146, 150, 191, 196, 247, 250, 255, 258, 263, 273, 306, 394  
 Yusufabad: 309-311

Zanjiran (desfiladeiro): 205  
 Zenão (imperador): 21  
 Zinjan: 71, 75, 88

## NOTA BIOGRÁFICA

ROBERT BYRON — como seria de suspeitar pelo apelido — tinha parentesco, ainda que bastante afastado, com Lord Byron, e nunca se cansava de lembrar esse facto.

Nasceu em 1905 e foi aluno de Eton. Frequentou o Merton College, em Oxford, de onde acabou por ser expulso, dados «os seus modos hedonistas e rebeldes». Abandonou assim o percurso académico, mas iniciou uma deambulação geográfica.

Viajou pelos lugares mais díspares: o Monte Atos, a Índia, a União Soviética e o Tibete. Começou a publicar os seus relatos de viagem em 1926, após uma viagem pela Europa. Descobriu que o apelido Byron lhe abria inúmeras portas na Grécia, mas nesse país escarneceu de templos e ânforas, de tudo quanto deveria deslumbrar o viajante.

Em 1933, quando visitou a Pérsia e o Afeganistão, viagem que relatou em *A Estrada para Oxiana*, não lhe interessavam tanto as afamadas ruínas de Ispaão, quanto uma despercebida torre do século XI, o Gonbad-e Qabus, de novo se evidenciando o desprezo de Byron pelo lugar-comum, bem como um invulgar eclectismo.

Byron ficou também conhecido como crítico de arte e historiador, mas foi como correspondente de guerra de um jornal londrino que, em 1941, acabou por morrer. O navio em que viajava com destino à África Ocidental foi torpedeado pelos alemães, ainda ao largo da Escócia.



*foi composto em caracteres Hoefler Text e impresso na Guide, Artes Gráficas, em papel Coral Book de 80 g, em Setembro de 2014.*